

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira. Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

***Seis Gaivotas* estreou em Portugal a 29 de Junho de 2000 no Mosteiro de São Bento da Vitória no Porto, com a seguinte ficha artística:**

texto:

Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

a partir de:

'*A Gaivota*' de Anton Tchekov, tradução de Fiamá Hasse Pais Brandão

e '*Seis Personagens à procura de Autor*' e "*Esta noite improvisa-se*" de Luigi Pirandello

concepção e direcção:

Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

direcção plástica e desenho de luz:

Laia Oms

execução cenográfica:

Luís Baptista e Preciosa Afonso

concepção e execução da gaivota:

João Calvário

banda sonora original e sonoplastia:

ohmalone ((Alexandre Gamelas, Ana Costa, João Pedro Martins, João Tiago Fernandes e José Miguel Pinto)

grafismo:

Vitor Azevedo/DeC

fotografia do cartaz:

Vitor Boura Xavier/Éobra

produção:

Visões Úteis

pré-produção:

Ada Pereira da Silva

produção executiva:

Ágata Marques Fino

secretariado:

Nuno Casimiro

interpretação:

Ana V. – Ana Vitorino

Carlos C. – Carlos Costa

Catarina M. – Catarina Martins

Edgard F. – Edgard Fernandes

Fernando M. – Fernando Moreira

Pedro C. – Pedro Carreira

e

João, o músico – João Pedro Martins e João Tiago Fernandes

Operador de luz – António Pedro Soares

## Seis Gaivotas

*A peça é anunciada em cartazes com a fotografia de um actor bem conhecido do público, de maneira a que se pense que é ele o protagonista do espectáculo, embora, na realidade, não faça parte do elenco. No início do espectáculo o público não tem acesso ao programa. É distribuída uma folha de sala com a seguinte informação:*

“SEIS GAIVOTAS

A partir de “A Gaivota” de Anton Tchekov e “Seis Personagens à procura de um autor” de Luigi Pirandello

Ficha artística

Dramaturgia e encenação  
Fernando M.

Interpretação  
Fernando M. – Treplev, Konstantin Gavrilovich  
Catarina M. – Nina Zarechnaya  
Ana V. – Arkadina, Irina Nikolaevna  
Pedro C. – Trigorin, Boris Alexeevich  
Carlos C. – Dorn  
Edgard F. – Shamraev

Cenografia e desenho de luz  
Laia O. e Fernando M.

Figurinos  
Fernando M.

Música  
ohmelone

Anton Tchekov (Rússia, 1860-1904) e Luigi Pirandello (Itália, 1867-1936) são duas referências incontornáveis da dramaturgia contemporânea. Aliaram à genialidade da sua escrita, um questionamento do teatro e da arte completamente inovador e que, cem anos passados, continua actual e pertinente. Neste nosso projecto move-nos não só a paixão, mas também a necessidade da redescoberta da essência vital do teatro.

Fernando M.

A Companhia é apoiada pelo Ministério da Cultura”

## Personagens

Fernando M. , encenador e actor que interpreta Treplev

Carlos C., director da companhia e actor que interpreta de Dorn

Catarina M., directora da companhia e actriz que interpreta de Nina

Ana V., actriz da companhia que interpreta Arkadina

Pedro C., actor convidado que interpreta Trigorin

Edgard F., actor estagiário que interpreta Shamraev

Técnicos de som/músicos (operadores/músicos reais do espectáculo, e pelo menos um deles chama-se João)

Um técnico de luz (operador real do espectáculo)

*Os nomes dos intérpretes são os nomes reais dos actores que levaram o texto à cena.*

*(A sala de espectáculos permite proximidade entre a platéia e "palco". Os técnicos de som e luz estão bem visíveis e próximos de cena. Em tudo se procura o ar de ensaio aberto ao público, mais do que de espectáculo pronto. O "palco" contém em si tanto a zona de representação como os bastidores. O que distingue as duas zonas é principalmente a acção dos actores e encenador. Na zona de bastidores, embora completamente visíveis para o público, comportam-se como se não pudessem ser vistos nem da platéia nem da zona de representação (o palco desta companhia). No centro da zona de representação está o palco da peça de Treplev, que deverá ser uma plataforma bastante elevada.*

*Quando o público entra estão os actores e encenador em conversa e aquecimento nos bastidores. Estão vestidos com os figurinos das personagens que vão interpretar. Percebe-se que ainda faltam peças mas que há um esforço para que nada destoe. Estão todos visíveis excepto a Catarina/Nina.*

*Quando o público está todo sentado, alguém da produção ou frente casa comunica com os bastidores.*

*Carlos e Fernando preparam-se e juntos dirigem-se à boca de cena para falarem ao público)*

**Carlos**

Boa noite!

**Fernando**

Boa noite.

**Carlos**

Antes de mais, obrigado por terem vindo. Eu sou um dos directores da Companhia e estou aqui porque achámos necessário dizer algumas palavras antes do início da apresentação desta noite. Como sabem estava marcada para hoje a estreia do espectáculo 'Seis Gaivotas'. Infelizmente as coisas não correram exactamente como tínhamos planeado... No decurso deste processo

criativo fomo-nos deparando com diversos obstáculos de carácter produtivo... e criativo. Estes problemas levavam-nos a tomar uma de duas opções: Montar a peça a tempo, como tinha sido prometido, e comprometer o sucesso artístico; ou ser mais uma vez imprecisos em relação aos prazos, mas permanecer fiéis aos nossos princípios artísticos. Contudo pareceu-nos mais interessante optar por uma terceira via, uma solução de compromisso, em que nos mantínhamos fiéis aos princípios artísticos e cumpríamos os prazos. Assim, o que vão ver esta noite não é propriamente um espectáculo, no sentido de um produto acabado, mas antes um Work-in-progress, relativo a ...

### **Fernando**

Não, um ensaio aberto.

### **Carlos**

Pois, mais um ensaio aberto de um espectáculo no qual continuaremos a trabalhar e que tencionamos estrear mais tarde. Mas sobre isto o Fernando poderá falar melhor do que eu.

### **Fernando (e depois Treplev)**

Muito obrigado Carlos.

Este espectáculo, 'Seis Gaivotas', parte de dois textos fundamentais da dramaturgia contemporânea: 'A Gaivota' de Tchekov e 'Seis Personagens à Procura de Autor' de Pirandello.

O que me fascina nestes dois textos e na possibilidade da sua união em cena é o nível de questionamento da Arte, e especialmente do Teatro, que eles permitem. Se Tchekov, por um lado, se debruça sobre as formas e os conteúdos da arte teatral, apresentando-nos o conflito entre novas e velhas formas quer da literatura quer do teatro, Pirandello, por outro lado, põem em cena os conflitos entre os próprios elementos do Teatro, confundindo Realidade e Ilusão para mostrar a quem o faz que o Teatro não pode ser estático, rotineiro, superficial, estagnado e desligado da vida.

A minha ideia ao juntar estes dois textos é, de facto, reflectir sobre a essência vital do Teatro. Sempre tive a sensação que juntar público e actores é uma das

poucas oportunidades na nossa sociedade para fazer um verdadeiro debate vivo/ao vivo. O que se passa no palco afecta toda a gente. Isto não acontece em mais nenhum meio de comunicação. Esta é para mim uma das grandes qualidades do Teatro, que sendo entretenimento tem também algo de religioso e político. Para mim há poucas coisas tão fascinantes como uma audiência presa a uma experiência teatral.

*(Carlos durante este discurso vai abandonando a zona de representação e junta-se aos outros actores nos bastidores)*

Mas voltando ao que vos trouxe aqui. Este espectáculo começaria com uma adaptação da 'Gaivota' centrada nesse questionamento do teatro, para chegar no final a uma situação em que as personagens tchekovianas assumem, tal como em Pirandello, a sua condição de personagens vivas, para assim questionarem os próprios criadores teatrais. Contudo, a passagem de um texto para o outro ainda não está resolvida, por problemas vários incluindo uma redefinição de elenco que não estava prevista e que me obrigou a assumir o ingrato papel de simultaneamente ser actor e encenador. Assim, o que temos para vos mostrar esta noite é a parte que se refere à adaptação da 'Gaivota'. Para além disso, e visto nos encontrarmos na situação de ensaio aberto, tentaremos na vossa presença trabalhar o que será a parte final do nosso espectáculo, bem como melhorar algumas cenas já existentes. Como terão oportunidade de ver, a luz do espectáculo está praticamente concluída, a banda sonora, pelo contrário, está ainda em processo de elaboração, e daí a presença excepcional dos músicos. Quanto à realização plástica há ainda alguns detalhes a definir, nomeadamente no que se refere a figurinos e adereços, mas a ideia de espaço está já completamente definida: Aqui temos um teatro! A cortina, os bastidores, e depois, ao fundo, o espaço livre. Cenários não há. Tem-se uma visão ampla e aberta do lago e do horizonte, simultaneamente. A cortina vai subir às oito e meia em ponto, ao nascer da Lua.

*(Agora que entrou no texto da "Gaivota", Fernando age como Treplev e vai montando a platéia do seu espectáculo)*

Se a Zarechnaya se atrasar, o efeito perde-se. Já cá devia estar, já era tempo. O pai e a madrasta tanto a seguraram em casa, que, para ela, sair é como rebentar os muros duma prisão.

A minha mãe está aborrecida, (*senta-se*) e com ciúmes. Pôs-se contra mim, contra o espectáculo e contra a minha peça, só por não ser ela a representá-la, e ser a Zarechnaya. Não conhece uma só linha da peça, e mesmo assim detesta-a. Ela está antecipadamente raivosa com o sucesso que a Zarechnaya vai conseguir sobre estas minúsculas tábuas. (*Vê as horas*) A minha mãe é uma boa piada, psicologicamente falando. Tem talento, ninguém o nega, é inteligente, e sabe tratar doentes como um autêntico anjo, mas... Ai, ai, para ser gabada, só ela e mais ninguém. (*Desfolha uma flor*) Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer. (*Ri*) Evidentemente! Ela o que deseja é que a deixem viver a vida, usar blusas de cores vivas, e eu sempre aqui, com os meus vinte e cinco anos a lembrarem-lhe constantemente de que já não é nenhuma jovem. Quando eu não ando por perto, ela tem menos dez anos. Mas se estou ao pé dela, tem mais dez, e por isso que me odeia. Mais, ela sabe que eu me recuso a aceitar o teatro. Ela ama o teatro. Ela vê-se a si própria ao serviço da humanidade e da causa sagrada da Arte. Ora, na minha opinião, o teatro é uma perfeita rotina imbuída de puro convencionalismo. Quando a cortina sobe, deixa à nossa vista um espaço delimitado por três paredes, iluminado por uma luz artificial, e vemos todos esses artistas sublimes, sacerdotes e sacerdotisas de uma arte sagrada, a mostrarem-nos como é que se come, como é que se bebe, se namora, passeia e veste o casaco. Com cenas vulgaríssimas e com frases ocas, põem-se a cozinhar uma moral de uso doméstico, bem ajeitadinha, pequenina, fácil de entender. Não podemos passar sem o teatro, mas são precisas novas formas. Temos de as conseguir. Se não arranjam novas formas, então é melhor não termos nada. (*Vê as horas*) Gosto muito da minha mãe, muitíssimo, mas ela leva uma vida sem senso nenhum, sempre de um lado para o outro com o romancista, e sempre com o nome estampado no jornal - satura-me tudo isto. Às vezes, quando muito naturalmente me sinto tão egoísta como qualquer ser humano, lamento que a minha mãe seja uma atriz famosa, e antes queria que ela fosse apenas uma mulher vulgar, o que me faria muito mais feliz. Como seria de esperar, as pessoas que ela recebia em casa eram todas celebridades, actores, escritores - e eu ali, no meio dessa gente, uma nulidade -

eles,. a tolerarem-me apenas por eu ser filho dela. Afinal quem sou eu? Sou o quê? Larguei a Universidade, no terceiro ano, 'devido a circunstâncias', para falar em linguagem de artigo de fundo, 'que não dependem da nossa vontade'; talento, não tenho, e dinheiro, tão-pouco; pelo que está no meu passaporte, sou um pequeno burguês de Kiev. O meu pai, embora fosse um grande actor, provinha da pequena burguesia de Kiev. E aí está.

*(Catarina/Nina entra atrasada pelos bastidores e dirige-se para a zona de representação enquanto os outros actores a ajudam a preparar-se para entrar em cena: tirar casaco, arranjar cabelo...)*

Estou a ouvir-lhe os passos... Não sei viver sem ela. Nela, até o som dos passos é belo... Sou feliz, loucamente feliz. *(Corre ao encontro de Nina Zarechnaya, que vem a entrar)*  
Meu amor, sonho da minha vida...

*(Os outros actores, nos bastidores, vêem a cena estupefactos)*

### **Nina**

*(nervosa)*

Não estou atrasada... Tenho a certeza, não estou atrasada...

### **Treplev**

*(beijando-lhe as mãos)*

Não, não estás...

### **Nina**

Passei o dia num desassossego, aflitíssima, com imenso medo que o meu pai não me deixasse vir... mas ele saiu, há bocadinho, com a minha madrastra. O céu, todo vermelho, a Lua começava a subir - saltei para o cavalo a toda a pressa, rápido, muito rápido, o mais que podia. *(Ri)* Ainda bem que cheguei.

O meu pai e a minha madrastra não querem nunca deixar-me vir. Dizem que aqui há um ambiente de boémia... Receia, que eu queira ser actriz. Mas eu estou sempre a

desejar tanto, tanto, vir para a beira do lago... como se fosse uma gaivota. E o meu coração está tão cheio, tão cheio de ti... *(Olha em volta)*

*(Beijam-se)*

*(Catarina/Nina sobe para a plataforma que serve de palco à peça de Treplev. Fernando/Treplev ajuda-a a subir).*

*Entram Arkadina, Trigorin, Dorn e Shamraev.*

*(As primeiras falas são ditas ainda em bastidores enquanto os actores se preparam para entrar, já que se tinham distraído a ver a cena anterior)*

### **Shamraev**

Simplesmente espantosa, a forma como ela representava. Vi-a, na Feira de Poltava, em 73, um assombro! Absolutamente maravilhosa, a representar. Saberão dizer-me onde há agora algum actor cómico que se iguale ao Pavel Semyonich Tchadin? Verdadeiramente inigualável no papel de Raspluyev. Ainda melhor que o Sadovsky, posso garantir-lhe, minha querida senhora. Mas onde está ele, agora?

### **Arkadina**

Você está sempre a querer saber de gente que vem do tempo do Dilúvio. E porque razão haveria eu de saber o que foi feito dessa gente toda? *(Senta-se)*

### **Shamraev**

*(suspira)*

O Paska Tchadin! Não há hoje nenhum que se lhe compare. Os palcos estão em declínio, Irina Nikolaevna. Nos temos passados, tínhamos carvalhos imponentes, hoje, só há alguns cotos de árvores.

### **Dorn**

Na verdade, hoje há muito poucos actores verdadeiramente dotados, actores brilhantes, mas o actor médio melhorou bastante, em relação ao que era antes.

## **Shamraev**

Não posso concordar consigo, de modo nenhum. Pois é, uma simples questão de gosto, afinal. De gustibus... *(para Trigorin)* aut bene aut nihil.

*Treplev entra, vindo detrás do palco.*

## **Arkadina**

*(Para o filho)*

Quando é que começamos, meu querido?

## **Treplev**

É só mais um minuto. Tenha um pouco de paciência.

Senhoras e senhores, vamos começar! Atenção, por favor! *(Pausa)* Vamos começar. *(Dá pancadas no chão, com uma vara, e diz em voz alta:)* Vós, ó veneráveis sombras de antanho, vós que perpassais sobre este lago nas trevas da noite, embalai-nos, para que adormeçamos e sonhemos com o que será, quando duzentos mil anos forem decorridos!

*(Fernando ora assume a posição de encenador e cola-se à platéia para ver melhor a cena, ora assume a posição de Treplev em cena. Terá este comportamento ao longo de todo o espectáculo)*

## **Arkadina**

Mostrem. Já estamos quase a dormir.

*A cortina do palco sobe. Vista do lago. A lua reflectida no horizonte. Vestida de branco Nina Zarechnaia está sentada numa pedra enorme.*

## **Nina**

Os homens e as mulheres, os leões, as águias e as perdizes, os veados, os gansos, as aranhas, os mudos peixes que vivem no mar, as estrelas marinhas e todas as criaturas invisíveis aos nossos olhos, tudo o que vive, tudo e todos, após percorrerem o seu triste ciclo vital, estão agora extintos.

*(Shamraev adormece)*

Mil séculos foram, entretanto, passando nesta desolada terra, sem um único vivente, e a pobre Lua em vão acendeu a sua lanterna. Nesta campina, ninguém desperta já com os gritos das gralhas, e os ralos não cantam já nas sombras dos pomares. O frio, o frio, o frio. O vazio, o vazio, o vazio. Terrível, terrível, terrível! *(Pausa)*

**Fernando**

Ainda não Eduardo.

**Edgard**

Edgard!

*(A cena de Nina não chega a ser interrompida)*

**Nina**

Os corpos de todas as criaturas vivas desapareceram, feitos pó, e a matéria eterna transformou-os em pedras, água, nuvens. As almas uniram-se numa só alma, e essa alma única e una no mundo sou eu... Eu...! Tenho em mim a alma de Alexandre Magno, a de César, a de Shakespeare e a de Napoleão, e a alma da mais pequena criatura dos pântanos.

*(Catarina esquece-se momentaneamente do texto)*

**Fernando** *(de fora de cena)*

Em mim se fundiram...

**Nina** *(retomando)*

Em mim se fundiram a consciência da humanidade e os instintos das bestas. De todos me lembro, de todos, todos e, no meu próprio ser, eu vivo de novo a vida de cada um e a de todos. *(Aparecem os fogos fátuos)*

**Arkadina**

Decadente.

**Treplev**

*(censurando e implorando:)*

Mamã...

**Nina**

Estou só. E uma vez apenas de em cem anos, abro a minha boca para falar, e a minha voz ressoa melancólica neste lugar ermo e desolado, e ninguém a ouve... Vós, ó pálidos clarões, não me ouvis... As águas estagnadas criam-vos, ao amanhecer, e vagueais, então, até ser dia claro, sem pensamento nem vontade, sem um frêmito de vida. Porém temendo que a vida uma vez mais brote em vós, o Diabo, o progenitor da eterna matéria, momento a momento em vós engendra, tal como nas pedras e na água, uma troca contínua de átomos, e assim ficais, em permanente troca para sempre. Tão-só e unicamente, o espírito permanece, no inteiro Universo - constante e imutável. *(Pausa)* Tal como um prisioneiro que foi lançado a um poço vazio mas profundo, ignoro onde estou e o que me espera. Para além desta minha luta com o Diabo, origem das forças materiais, tudo me está oculto. Luta obstinada e cruel, em que estou destinada à vitória - então a matéria material e o espírito unir-se-ão, numa maravilhosa harmonia, de que advirá o Reino da Vontade Universal. Tudo isto, no entanto, há-de ser lento, pouco a pouco, no decurso de uma longa, longuíssima sucessão de milénios, quando a Lua e a fulgente Sirius e a própria Terra estiverem já tornadas pó... E até que venha esse tempo, só nos resta o horror, o horror. *(Pausa. Surgem dois pontos vermelhos)* Eis que se aproxima o meu tão poderoso inimigo, o Diabo. Vejo-lhe os olhos, vermelhos, medonhos...

**Arkadina**

Que cheiro a enxofre, empesta! Será realmente necessário?

**Treplev**

É.

**Arkadina**

*(Ri)* Evidentemente. Um efeito cénico!

**Treplev**

Mamã!

*Dorn tira o chapéu.*

**Arkadina**

O nosso doutor está a tirar o chapéu ao Diabo, o progenitor da matéria eterna.

**Treplev**

*(Irritado, grita)*

Pronto! Acabou-se a peça. Fim! Baixem o pano!

**Arkadina**

Estás zangado, porquê?

**Treplev**

Basta! O pano! Baixem o pano! *(Bate os pés)* O pano! *(A cortina desce)* A culpa é minha. Esqueci-me que só uns escassos eleitos escrevem peças e as vêem subir à cena. É um monopólio, em que eu fui intruso. Eu... *(Vai dizer algo, desiste, faz um gesto com a mão, desaparece pela esquerda)*

*(Catarina/Nina desce da plataforma e vai para os bastidores. Fernando/treplev segue-a)*

**Arkadina**

O que é que ele tem?

Mas o que foi que eu lhe disse?

Mas se ele mesmo nos tinha avisado de que a peça não era a sério... O que eu disse foi por brincadeira, também.

O rapaz ainda acaba por ter escrito uma obra-prima! Por favor, não me venham com essa. Mas, então não foi só para se divertir que ele apresentou este espectáculo e nos

mergulhou a todos num banho de enxofre?! Era uma demonstração! Pretendeu mostrar-nos, muito simplesmente, como se escreve e representa. Está a tornar-se demasiado saturante, o fim e ao cabo. Estas pequenas arremetidas, estas picadazinhas, dirigidas contra mim, ah, por favor, cansam-me, aborrecem-me. Um rapazinho autoconvencido e caprichoso.

Se me queria ser agradável, porque não pegou numa peça vulgar - porque é que nos pôs todos aqui sentados diante desta divagação decadente?. Aliás, se tivesse sido só por brincadeira, ainda me dispunha a ouvir meia dúzia de balelas em estilo declamatório, mas o que nós estamos a ver aqui pretende ser outra coisa: pretende dar-nos uma forma nova, uma novíssima era, na Arte. O que eu concluo é que não há formas novas em perspectiva; só vejo um péssimo feitio.

*(Durante esta fala de Arkadina, Fernando e Catarina discutem nos bastidores. Ao público vão chegando frases soltas:*

**Fernando**

*Então, Catarina?*

**Catarina**

*Tenho medo...*

**Fernando**

*... Tens de ser tu a resolver ...*

**Catarina**

*... as vertigens...*

*Fernando reconforta Catarina e volta a entrar na zona de representação. Corrige discretamente a posição de Edgard e fica a ver cena colado à platéia)*

**Trigorin**

*Cada qual escreve como gosta e sabe.*

### **Arkadina**

Ele pode escrever como gosta e sabe! E pode, também, deixar-me em paz.!

### **Dorn**

Júpiter! Tu estás zangado...

### **Arkadina**

Não sou Júpiter, sou uma simples mulher. *(Acende um cigarro)* E não estou sequer zangada. Custa-me imenso ver um jovem gastar o tempo de uma forma tão tola. Não queria magoá-lo.

Mas não vamos falar mais de peças nem de átomos! Está um fim de tarde magnífico! Ouvem cantar? *(À escuta)* É um som lindíssimo!

*(Para Trigorin)* Senta-te aqui, ao pé de mim. Há dez ou quinze anos atrás, quase todas as noites se ouviam canções e música, neste lago. Nas margens, há seis grandes propriedades. Ah, lembro-me tanto dos risos, do barulho, e os amores, ah, os amores... Oh, a minha consciência está a começar a inquietar-me. Porque havia eu de ferir os sentimentos do meu pobre filho? Estou preocupada. *(Alto)* Kóstia! Meu filho! Kóstia!

### **Nina**

*(Aparecendo, vinda detrás do palco)*

Parece que não vamos prosseguir. Posso vir aqui para fora. Boa noite! *(Beija Arkadina)*

### **Arkadina**

Bravo! Bravo! Ficámos todos, todos, apaixonados por ti. Com esse ar que tu tens, e essa voz tão bonita, seria um pecado deixares-te ficar por aqui no campo. Tens muito jeito para representar. Estás a ouvir? Vais para o teatro, tens o dever de ir.

### **Nina**

Oh, é o meu sonho! *(Suspira)* Mas não será nunca realidade.

### **Arkadina**

E quem sabe? Vá, deixa-me apresentar-te. É o Trigorin, Boris Alexeevich.

**Nina**

Tenho tanto gosto... (*Embaraçada*) Nunca deixo de o ler...

**Arkadina**

(*Fazendo-a sentar junto de ambos*)

Não tenhas acanhamento, minha querida. Ele é uma grande celebridade, mas tem uma alma simples. Vês, também é tímido.

**Nina**

(*Para Trigorin*)

É uma peça estranha, não acha?

**Trigorin**

Não percebi absolutamente nada. Mesmo assim, gostei muito de ver. Você representou com tanta sinceridade. E o cenário, belíssimo. (*Pausa*) Deve haver imenso peixe, no lago.

**Nina**

Pois há.

**Trigorin**

Eu adoro a pesca. Não há nada que me dê maior prazer do que estar sentado ao fim da tarde, à beira da água, a olhar a linha.

**Nina**

Mas eu julgava que para alguém como o senhor, que experimenta o prazer da criação, não existiam outros prazeres.

**Arkadina**

(*Rindo*) Não fales assim com ele. Quando alguém lhe diz uma gentileza, não sabe o que há-de fazer.

**Shamraev**

Lembro-me bem, uma vez na Ópera de Moscovo, o famoso Silva atacou um dó bastante baixo. Nem que fosse de propósito, o baixo do nosso coro estava na geral. E de repente - para grande espanto de todos, pode calcular - ouvimos, vindo da geral, 'Bravo Silva', uma oitava ainda mais abaixo. Assim (*Em tom muito grave*) 'Bravo Silva'. O público ficou estarecido.

*Pausa.*

**Dorn**

Está a passar o anjo do silêncio.

**Nina**

É hora de eu ir andando. Boa noite.

**Arkadina**

Andando para onde? Tão cedo? Não te deixamos ir embora.

**Nina**

O meu pai está à minha espera, em casa.

**Arkadina**

Ah, ele é terrível... (*beijam-se*) Bem, não há nada a fazer. Tenho muita pena, muita, de te deixar ir.

**Nina**

Se soubesse o que me custa ir embora!

**Arkadina**

Devia ir alguém levar-te.

(Catarina/Nina engana-se na saída, Fernando estala os dedos e ela sai pelo lado certo)

**Nina**

*(Assustada)*

Oh, não, não! *(Sai a correr)*

**Arkadina**

Uma rapariga bem desditosa, na verdade. A mãe, que já morreu, deixou uma fortuna imensa, toda até ao mais pequeno copeque, ao marido, e agora a rapariga nada tem de seu, porque o pai resolveu ainda por cima, fazer o testamento em benefício da segunda mulher. É incrível.

**Dorn**

Pois é, concedamos que o papá dessa menina é um verdadeiro patife, para sermos justos.

*Começam a sair.*

**Shamraev**

Pois foi, uma oitava perfeita mais abaixo: 'Bravo Silva'. E não era um profissional, era um simples membro do coro da igreja.

*(Ana, Pedro e Edgard vão para os bastidores)*

**Pedro**

Mais grave Eduardo.

**Edgard**

Edgard!

**Dorn**

*(Para consigo)* Não sei. Talvez eu não consiga perceber nada, talvez tenha perdido completamente o senso, mas gostei, gostei da peça. Tem qualquer coisa, efectivamente. Quando aquela criança nos estava a falar da solidão, e quando

apareceram os dois olhos vermelhos, demoníacos, fiquei tão perturbado, que me tremiam as mãos. Tudo aquilo tinha frescura, inocência. Pois é... parece-me que ele está no bom caminho. Hei-de dizer-lhe as coisas mais bonitas que eu souber dizer da peça.

*(Fernando vai para a sua entrada em cena passando pelos bastidores)*

### **Treplev**

*(Entra)*

Já se foram embora... Não está ninguém.

### **Dorn**

Estou eu.

Konstantin Gavrilovich, gostei muitíssimo da sua peça. Era um pouco estranha, e não chegámos a ouvir o final, mas, mesmo assim, causou-me profunda impressão. Você tem imenso jeito, deve continuar. *(Treplev aperta vigorosamente a mão de Dorn, depois, impulsivamente, abraça-o)* Ora, ora... tão emocionado... E lágrimas nos olhos... O que é que eu lhe queria dizer mais? Você escolheu um tema do domínio das ideias abstractas. E estive certo em fazê-lo, porque a obra de arte tem sempre a obrigação de exprimir uma ideia verdadeiramente significativa. Só é realmente belo o que se reveste de um tom sério. Mas está tão pálido...

### **Treplev**

Está a dizer-me que devo prosseguir?

### **Dorn**

Estou... Mas só se deve pintar o que é importante e eterno. Pois muito bem, eu tenho sido uma pessoa com uma vida muito cheia e variada, e sempre uma pessoa 'de gosto', como é costume dizer-se, e sinto-me satisfeito por isso. Mas se alguma vez eu experimentasse o tormento espiritual dos artistas na actividade da criação, parece-me que acabaria por desprezar este invólucro material e tudo o que lhe diz respeito, se quer saber. Levantaria voo da Terra, para subir às alturas, tão longe quanto me fosse possível.

**Treplev**

Desculpe. Mas onde está a Nina, por favor?

**Dorn**

Ainda outra coisa. Na obra de arte, tem de haver sempre um pensamento claro e bem definido. Temos de saber para que se está a escrever. De outro modo, quando enveredamos por um caminho cheio de pitoresco mas sem objectivo, perdemos o rumo e somos aniquilados pelo nosso próprio talento.

**Treplev**

*(Impaciente)* Onde está Zarechnaya?

**Dorn**

Já foi para casa.

**Treplev**

*(Agitado)*

E que hei-de eu de fazer?... Queria vê-la... Tenho de vê-la. Vou andando...

**Dorn**

Calma, meu amigo.

**Treplev**

Vou andando. Tenho de vê-la sem falta.

**Dorn**

Então, então, meu filho... Não esteja nesse estado... Não, não está bem.

**Treplev**

*(Através das lágrimas)* Adeus, doutor. Agradeço-lhe muito... *(Sai)*

*(Fernando sai de cena e volta a sua posição de encenador passando pelos bastidores)*

**Dorn**

*(Suspira)* Ah, a juventude, a juventude...

**Fernando**

O.K. Stop, stop, stop.... óóó Carlitos, fixa a tua posição. Fim do 1º acto. óóó Pedro muda a cena. Dá-lhe uma ajuda, óóó Eduardo.

**Fernando**

O.K. Luz de dia, estamos na outra parte do jardim. A música, óóó João, não é esta. É aquela mais alegre! *(a música muda)*

*(Os actores preparam a cena do 2º acto enquanto Fernando dá algumas indicações aos técnicos. Durante a cena Edgard vai ficando cada vez mais irritado e incomodado pela troca do nome até explodir violentamente)*

**Fernando**

Edgard chega aqui. *(Edgard vai para junto dele)* Arkadina vai para a tua posição. Catarinina... *(Catarina vai logo para a posição, mas chateada ou triste)*, exacto. Então, mas alegre! O papá e a madrasta estão longe, tens três dias de liberdade... Eduardo, o que é que estás aqui a fazer?

**Edgard**

Edgard

**Fernando**

Desculpa. Entras a seguir, não ? *(Edgard vai para bastidores)* Vamos lá! Força! Coragem! Vai, vai, vai, vai, vai!

*(Fernando vai ver a cena para posição lateral. Edgard está visivelmente desconfortável com a forma como encenador dá início à cena)*

**Dorn**

*(Canta)* 'Flores, minhas flores, ide dizer-lhe...'

*(Entra Shamraev)*

**Shamraev**

Ora aqui estão todos! Muito boa tarde! *(Beija a mão de Nina e depois a de Arkadina)*

**Fernando**

Pára,pára! *(vem para o meio da cena)*

Não, primeiro beijas a mão da Arkadina e depois a da Nina, O.K?

Arranca outra vez. *(volta a colar-se à platéia)* Com força, com garra! Tu és o feitor desta propriedade!

Vai!

**Dorn**

*(Canta) 'Flores, minhas flores, ide dizer-lhe...'*

*(Entra Shamraev)*

**Shamraev**

Ora aqui estão todos! Muito boa tarde! *(Beija a mão de Arkadina e depois a de Nina)*

Muito estimo vê-los assim todos de boa saúde. *(Para Arkadina)* Disseram-me que a senhora pensa hoje ir à cidade.

**Fernando**

Stop! Atenção, concentra-te Eduardo.... *(vai para o Edgard)*

**Edgard**

Edgard!

*(Sempre que a cena pára Edgard posiciona-se entre a zona de representação e os bastidores, preparando a reentrada em cena)*

*(nos bastidores)*

**Pedro** *(para Edgard)*

Calma !

**Edgard** *(para Pedro)*

Vou repetir a dose até ficar exasperado!

*(na zona de representação)*

**Fernando**

Vês a coluna? *(refere-se a um obstáculo à visibilidade da cena)* Estás a ver o último espectador/cadeira? Vem até aqui. Junta os pés. Este é o teu limite. Fixa Eduardo. Traça uma bissetriz da cabeça ao sexo passando pelo coração. *(volta a colar-se à platéia)* Vamos. Eu agora não vou parar mais. Nem digo nada. Três, dois... UM!!!

**Dorn**

*(Canta)* Flores, minhas flores, ide dizer-lhe...'

*(Entra Shamraev)*

**Fernando**

Stop! *(vai até ao Edgard, afasta-o e faz a entrada com o chapéu noutra posição)* O chapéu... Eduardo! Põe antes o chapéu assim. Assim lá à frente já não fazes aquilo... *(faz o gesto de tirar e por o chapéu na cabeça muito rápido. O Cabelo parece flutuar)* É desprestigiante! Hum? Sentes-te bem assim? O.K. *(começa a voltar para a platéia)* Vai Eduardo!

**Edgard**

Edgard!

**Fernando**

Olha! Isto vai ser a minha sina. *(cola-se à platéia e estala os dedos para recomeçar)*

**Dorn**

*(Canta)*

‘Flores, minhas flores, ide dizer-lhe...’

*(Entra Shamraev)*

**Shamraev**

Ora aqui estão todos! Muito boa tarde! *(Beija a mão de Arkadina e depois a de Nina)*

Muito estimo vê-los assim todos de boa saúde. *(Para Arkadina)* Disseram-me que a senhora pensa hoje ir à cidade. É certo?

**Arkadina**

Pois, penso ir.

**Shamraev**

Hum... Uma ideia esplêndida, mas como irá, minha querida senhora? Andamos a carregar o centeio, hoje, e o pessoal está todo ocupado. Além disso, se me permite a pergunta, que cavalos vai levar?

**Arkadina**

Cavalos? Por que haveria eu de saber quais os cavalos?

**Shamraev**

Peço-lhe desculpa, tenho imenso respeito pelo seu talento, por si dava dez anos da minha vida, mas cavalos não posso arranjar-lhe, não posso!

**Arkadina**

Mas eu tenho mesmo de ir, como há-de ser? Coisa estranha!

**Shamraev**

Minha querida senhora, não faz a menor ideia do que é o governo de uma quinta!

**Arkadina**

*(pouco irritada)*

Ah, isso é uma velha história! Bem, nesse caso, vou-me já hoje embora daqui, para Moscovo. Mande alguém à vila alugar cavalos, ou vou mesmo a pé para a estação.

**Fernando**

Arkadina... *(entra na cena)* Ana. Tu aqui estás mesmo irritada. E o... o... o... o... tu *(indica Edgard)* Estás também chateado com ela.

*(cola-se à platéia)*

Vá! Carne! Não era carne que eu queria dizer... carácter! Força! Bife de cavalo! *(pausa e aponta para a Ana)* "Coisa estranha!"

*(Ana fica baralhada e depois percebe e recomeça)*

**Arkadina**

Coisa estranha!

**Shamraev**

Minha querida senhora, não faz a menor ideia do que é o governo de uma quinta!

**Arkadina**

*(Irritada)*

Ah, isso é uma velha história! Bem, nesse caso, vou-me já hoje embora daqui, para Moscovo. Mande alguém à vila alugar cavalos, ou vou mesmo a pé para a estação.

**Shamraev**

*(Irritado)*

E eu, nesse caso...

**Fernando**

Passa-te Eduardo!

**Shamraev**

...despeço-me! Trate de arranjar outro feitor. *(Sai)*

**Arkadina**

Não há nenhum Verão em que não aconteça isto. Há sempre alguém que me ofende, sempre, no Verão. Nunca mais volto cá.

**Fernando**

Sai Arkadina. Lindo Eduardo! Agora a Nina vem...

*(Ana/Arkadina vai para os bastidores)*

**Edgard**

*(atira o chapéu ao chão)* Porra, eu não me chamo Eduardo! *(apanha o chapéu e começa a limpá-lo)*

**Fernando**

Eu peço desculpa, eu peço desculpa...

**Carlos**

Tem calma.

**Edgard**

Tem calma o caralho! Desculpem lá o palavreado mas tudo tem limites. Eu não me chamo Eduardo! Chamo-me Edgard, com D. Chamem-me Ed, chamem-me Fernandes, chamem-me o que quiserem. Eduardo nunca mais!

*(Entretanto Pedro e Ana saem de bastidores e entram na zona de representação para ver o que se passa em cena)*

**Fernando**

Desculpa lá, Edgard.

**Edgard**

Uma desculpa, neste momento, não resolve nada. Por incrível que pareça, o Carlos, que passa a vida a implicar comigo, ainda só me chamou Eduardo duas vezes. A Catarina nunca me chamou Eduardo, agora...pelo amor de Deus, Fernando! Ana! Pedro! Eu não me chamo Eduardo! Ou me chamam Edgard a partir de agora e não se enganam ou eu não faço mais nada aqui! *(Edgard vai para bastidores. Silêncio, mal estar geral)*

### **Fernando**

Bom... *(pausa)* Ele aqui já saiu, a Arkadina também, Nina e Dorn ficam para ter a conversa... *(pausa)* Bom... vamos fazer uma pausinha enquanto vejo aqui uma coisa no som *(gesto de confiança para Carlos)* Oh... óóó... João... *(Carlos e Catarina saem para bastidores e Fernando junta-se aos músicos)*

*(Nos bastidores: Edgard está ao fundo sozinho, os outros discutem no limite da zona de representação.)*

### **Catarina**

Eu não percebo... *(pausa)*

Eu não percebo, não percebo que falsa intimidade é esta em que se vive e trabalha durante três meses sem saber o nome de uma pessoa. Que raio de processo criativo é este em que as pessoas não sabem o nome umas das outras? Em que estão tão preocupadas com ideias preconcebidas de... de... de como se deve agir que nem sequer olham para o lado? Como é que isto acontece? O nome... o nome é a ponta do iceberg... Estamos todos juntos, estamos todos juntos... mas o que é que estamos aqui a fazer? O que é que eu estou aqui a fazer? *(pausa)*

Já nem falo do Fernando...

Mas que é isso Carlos de estares sempre a olhar para o Edgard como um actor novo que chegou agora e que achas não sei porquê, como, com que iluminação, porque deves achar que és um iluminado para pensar, e que raio de ideia é essa, que alguém que está a começar tem de ser massacrado para ser bom. Deves pensar que és um génio. Com que direito? Olha que ver uma pirâmide de cima é o mesmo que ver um quadrado.

E também tu Pedro! Tens a mania que és sincero, que te expões tanto, cobras tudo aos outros, tu que te dispões tanto a abrir o teu coração nunca abriste o teu coração para ouvires que o teu colega se chama Edgard?

E muito sinceramente Ana podes ter muito boa vontade para tentar integrar o Edgard mas muito sinceramente andas a olhar para o umbigo há três meses, tens a mania que és amiga das pessoas e nem sequer o nome dele conseguiste decorar, que raio de amiga és tu?

### **Ana**

Mas o que é que achas que é pior: trocar-lhe o nome ou nem sequer falar com ele fora das horas de trabalho como tu fazes?

*(Catarina já não consegue responder porque é chamada por Fernando, que durante esta cena ficou entre a zona de representação e a platéia a falar com os músicos em voz baixa. Os músicos vão experimentando vários temas que curiosamente reflectem a tensão do ambiente. Fernando vai reflectindo sobre a música andando de um lado para o outro com um pau comprido na mão. A certa altura pega na gaivota morta e vai para a zona de representação)*

### **Fernando**

Nina! Nina, vai!

*(Catarina vai para a zona de representação. Os outros actores em bastidores dispersam. Edgard continua sozinho)*

### **Fernando/Treplev**

*(Entra sem chapéu, com uma espingarda/pau. Traz na mão uma gaivota morta.)*

Estás aqui sozinha?

### **Catarina/Nina**

*Sozinha... (Treplev poisa a gaivota no chão, aos pés de Nina) Que quer isto dizer?*

**Treplev**

Hoje cometi um acto desprezível. *(pausa)* Matei esta gaivota. E agora deponho-a a teus pés.

**Nina**

Mas o que é que tu tens? *(Pega na gaivota e observa-a)*

**Treplev**

*(Após uma pausa)*

Não vai tardar muito que eu me mate também.

**Nina**

Não estou a reconhecer-te.

**Treplev**

Foi desde que eu deixei de te reconhecer a ti. Mudaste, no teu comportamento para comigo. Tens um olhar frio... a minha presença constrange-te.

*(Nos bastidores Carlos tenta aproximar-se de Edgard mas este afasta-se bruscamente).*

**Nina**

E tu, de algum tempo para cá, tornaste-te irritável. Nem é fácil apanhar o sentido do que tu dizes – parece que falas por símbolos. Quer parecer-me que esta gaivota também é um símbolo, obviamente, mas não o entendo, desculpa-me. *(Põe a gaivota em cima do banco)* Sou demasiado simples para poder entender-te.

**Treplev**

Tudo começou naquela noite, com o falhanço da minha peça. Um falhanço estúpido! E as mulheres não perdoam nunca o insucesso. Já queimei a peça, não ficou nem uma folha. Se tu soubesses como eu me sinto infeliz. Essa tua frieza é horrível. É inacreditável. Sinto-me como se tivesse acordado de repente, e visse o lago todo seco, bebido pela terra. Disseste que eras simples de mais para me entenderes. Mas

entenderes o quê? A minha peça desagradou a todos. E tu não dás valor à minha inspiração, consideras-me medíocre, uma nulidade, como a maior parte das outras pessoas... *(Bate com um dos pés)* Ah, como eu estou a compreender tudo, a compreender muitíssimo bem! É como se me tivessem dado uma martelada na cabeça.

*(bastidores e cena começam a fundir-se. Pedro que está em bastidores assume-se como Trigorin ainda em bastidores)*

Maldito! Maldito orgulho que me está a sugar o sangue até à derradeira gota, que é como uma víbora... *(Vê Trigorin a aproximar-se, lendo o seu bloco de apontamentos)* Eis que vem aí um verdadeiro génio, tem as passadas de Hamlet, e , como ele, avança de livro na mão. *(Zomba)* ‘Words, words, words...’ Ainda este sol vem longe e já o teu sorriso desponta. A frieza do teu olhar aquece sob os seus raios. Não quero ser importuno. *(Sai, rápido)*

### **Trigorin**

*(escrevendo)* Médico, pessoa de gosto, viveu bem a vida...

### **Nina**

Boa tarde, Boris Alexeevich!

### **Trigorin**

Boa tarde. As circunstâncias, por vezes, produzem resultados inesperados, não acha? Pois parece-me que nos vamos embora daqui, hoje mesmo. E eu não creio que nos voltemos a encontrar, você e eu. Tenho pena. Para mim é raro este encontro com uma rapariga tão jovem – bonita e jovem. Nem consigo imaginar distintamente o que isso seja – deve ser essa a razão porque as raparigas soam sempre a falso, nos meus romances e nos meus contos. Gostava de poder viver a sua vida nem que fosse só por uma hora – saber bem o que você pensa, como é esta pequenina coisa tão linda?

### **Nina**

E eu gostava de viver a sua vida, uns tempos.

**Trigorin**

Porquê?

**Nina**

Para saber o que é que se sente quando se é um escritor célebre e cheio de talento. Que sensação é que dá ser célebre? Como é que uma pessoa reage a ser conhecida?

**Trigorin**

Nunca tinha pensado nisso. *(Pensa um pouco. Pedro tem dificuldade em lembrar-se do texto)* Das duas uma: ou você exagera ou então... *(pausa.)* Se são elogios, ótimo! Se sou atacado, fico de mau humor durante dois dias.

*(Pedro começa a baralhar o texto completamente. Catarina tenta que a cena continue, mas começa a ficar aflita)*

**Nina**

Mas... é um mundo maravilhoso! Não faz ideia como eu o invejo. Mas as pessoas têm destinos tão diferentes umas das outras.

**Trigorin**

Ah, tenho?

**Nina**

Alguns mal conseguem arrastar-se, ao longo de uma vida feita só de tédio e monotonia, todos parecidos uns com os outros e todos infelizes. Aos outros, aos raros, como você, por exemplo, que é um entre mil – o destino oferece-lhes uma vida excitante, fulgurante, cheia de significado...

**Trigorin**

Hum... Você está, para aí, a falar... dessas coisas mas isso a mim não me diz nada. Você é muito nova, ainda... E gentil!

## **Nina**

Tem uma vida lindíssima!

*(A partir desta deixa de Nina, Pedro baralha o texto até ao limite. Fernando observa tudo disfarçando o pânico interior.)*

## **Trigorin/Pedro**

Mas o que é que a minha vida tem de lindo?

Bem, tenho de ir andando para escrever qualquer coisa. Não posso ficar a falar da minha vida... *(ri)* Está a ver, estou a arrelhar-me, a exaltar-me.

Vamos então falar da minha vida tão excitante.

A minha vida resume-se a escrever, escrever, escrever... Anoto todo o que vejo e oiço, mesmo o que você diz e o que eu digo. Por exemplo: a lua... toda a gente olha para a lua, mas eu,... *(pausa)* eu tenho a minha lua muito especial. *(pausa)*

Passo o dia e a noite obcecado por escrever, escrever...

Estou agora a ver, uma nuvem, aquela ali, que me parece um piano enorme. E penso logo que tenho de a incluir numa história.

Quando acabo de escrever ou vou para o teatro ou para a pesca. Mas nem aí descanso. Os meus amigos passam a vida a perguntar: "O que é que andas a escrever?", e tratam-me como se quisessem, ou..., eu é que penso às vezes que é como se eles estivessem ali prontos para me meterem no manicómio. É um sofrimento muito grande.

## **Nina**

Mas não sente nunca êxtase e felicidade, tanto nos momentos de inspiração como durante o próprio trabalho de criação? Com certeza que sente.

## **Pedro/Trigorin**

Claro que sinto! Mas quando as provas entram no prelo detesto tudo. Não é apenas um grande equívoco? Detesto-me como escritor! Acho que tenho imenso jeito para paisagista. E amo o meu país e o seu povo, a ciência, o progresso....

## **Nina**

Se eu fosse um escritor, como você, dedicava ao povo a minha vida. Para alcançar essa enorme felicidade, de ser escritora, ou atriz, era capaz de suportar a maior miséria, o ódio dos que me rodeiam. Viver num vão de escada, comer apenas pão de farelo. Suportaria a minha permanente auto-insatisfação com a consciência da minha fama...

**Pedro/Trigorin**

E eu deixo-me ficar para trás, sempre atrasado, como um camponês que perdeu o combóio. Corro de um lado para o outro... É tudo falso, falso até à medula. Sucesso e mérito, sucesso e mérito, sucesso e mérito,... sucesso e mérito... *(vai saindo da zona de representação)*

**Fernando**

óóó... Pedro

**Pedro**

Não faço a mínima ideia de onde é que estou!

**Fernando**

Pois... isso já nós tínhamos reparado.

Bom, vamos com calma. Qual é o problema?

**Pedro**

O problema é que eu percebo tudo, percebo tudo, mas com estas palavras não sou capaz de dizer isto.

**Fernando**

Não és capaz como? Está tudo lá, é claro como a água.

**Pedro**

Eu sei... Mas o problema é esse, eu percebo tudo, o problema não é do Tchekov, é meu. Não encontro o tom. Quer dizer... eu tenho que a seduzir, não é?

**Fernando**

*(pausa)* Sim, mas...

**Pedro**

O que eu não sou capaz é de, com este palavreado sobre arte, povo, ciência ele achar que é mau escritor e sofrer pressões... não sou capaz de...

**Fernando**

Mas ele está a definir-se como artista.

**Pedro**

Pois... mas no fundo é uma cena de sedução.

**Fernando**

Mas... no fundo como?

**Pedro**

Uma cena de amor em que ele tenta engatar a Nina. Um homem de meia idade...

**Fernando**

Espera, espera...*(dirige-se ao operador de luz)* óóó ... dá-me uma geral!

*(Luz geral. Fernando e Pedro afastam-se para bastidores que agora ficam numa zona que já foi de representação. Levam consigo duas cadeiras de cena para se sentarem.)*

*Entretanto no lado oposto do palco, e também em bastidores Ana e o Edgard que até aí escutavam o que se passava começam a conversar.)*

**Ana**

Coitado do Pedro. Isto é dos nervos. Ele ontem sabia o texto todo. Viste? Ele ontem disse o texto todo. Só que hoje com público... vêm os nervos todos ao de

cima. Eu ontem avisei-o, até tinha um chá para isso, mas ele disse que não precisava... O público muda tudo. É a adrenalina... Até há quem diga que a adrenalina libertada por um actor durante um espectáculo é equivalente à libertada por um indivíduo envolvido num acidente de automóvel... dos graves! O melhor é um tipo atingir um estado Zen. *(pausa enigmática)* Ficas tão concentrado na peça que és só tu e a tua personagem. Nada te afecta. Isso é o ideal... só que é muito difícil. Por mim, o que eu acho, o que eu geralmente aconselho é atingir uma espécie de estado semi-zen: *(pausa enigmática)* cagas no público! Estes gajos vieram aqui para te ver estrear! Tu estás a fazer isto para uma pessoa de quem tu gostas... para a tua mãe, para Deus, pr'ó Jeremy Irons. E eles que se fodam! É claro que isto eticamente não é muito correcto, não é bom, mas funciona, resulta!

*(começa a ouvir-se a conversa entre Pedro e Fernando)*

**Fernando**

Óóó Pedro, mas afinal, para ti, o que é que move esta história, o que é que move estas personagens?

**Pedro**

Não estou perceber.

**Fernando**

Sobre o que é que isto é... neste espectáculo que nós estamos a fazer, as Seis Gaivotas, o que leva as pessoas a agir?

**Pedro**

Claro que são as diferentes perspectivas de arte, sem dúvida.

**Fernando**

Claro!

**Pedro**

Mas o que de facto as faz agir é o amor ou a falta dele...as relações pessoais...

**Fernando**

Amor? Mas qual amor? *(pausa)* Pedro, de que é que nós temos estado a falar nestes três meses? *(pausa)* Porque é que eu fiz esta adaptação da Gaivota? Porque é que eu quis juntar Tchekov e Pirandello? *(pausa)* O que é que eles têm em comum? *(pausa dolorosa)*

**Pedro**

Falam os dois de teatro, arte...

**Fernando**

Claro! Teatro! Arte! As relações pessoais estão lá e são importantes mas não deixam de ser acessórias para aquilo que nos interessa verdadeiramente. *(pausa)* O que é que nós dissemos sobre o Trigorin e a Arkadina? Quem é este tipo? O que é que ele representa?

**Pedro**

É um escritor de sucesso, instituído, mas que se limita a vampirizar as pessoas.

**Fernando**

Sim, e é isso que ele está a fazer à Nina. Mas para produzir literatura. Ele não consegue dar vida às suas obras, limita-se a descrever nelas a vida dos outros. Mas mais do que isto, ele é um representante das velhas formas. Ele está ultrapassado, pelo povo, pela ciência, pela vida. Está atrasado, e tem consciência disso. Ele sabe que a literatura tem de ser mais do que paisagismo. E a cena é isso mesmo. És tu a reflectir sobre tudo isto. A Nina apaixonou-se por ti 'malgré toi'! *(pausa longa)* Não é?

*(Pausa)*

**Pedro**

Pois!

**Fernando**

Pensa nisto.

**Pedro**

Eu vou tentar.

**Fernando**

Amanhã. Agora vamos avançar. *(entra na zona de representação e chama:)*

Nina. *(Catarina entra)*

**Fernando**

*(para Pedro)* Toma o teu tempo. *(para os dois)* Vamos da gaivota. Prontos?

*Enquanto a cena avança, o Fernando vai a bastidores e o Carlos põe-lhe a ligadura de Treplev. Depois o Fernando volta a colar-se à platéia, com a ligadura na cabeça, para ver o resto da cena.*

**Pedro/Trigorin**

*(Pedro concentra-se)* Tudo isto é lindo... desculpa *(Pedro volta à posição e recomeça)*

**Trigorin**

Tudo isto é lindo. *(Vendo a gaivota)* Mas o que é aquilo?

**Nina**

É uma gaivota. Foi o Konstantin Gavrilych que a matou.

**Trigorin**

Uma ave magnífica. A verdade é que não me apetece nada ir-me embora. Veja lá se convence a Irina Nikolaevna a ficar mais uns dias. *(Toma notas)*

**Nina**

O que é que está a escrever?

**Trigorin**

São só uns apontamentos... Ocorreu-me agora mesmo um tema... *(Metete o bloco de notas na algibeira)* Um tema para um conto. Uma rapariga que passou a vida à beira de um lago. Assim, como você. Essa rapariga ama o lago, como uma gaivota, e é feliz e livre como uma gaivota. Um homem passa, olha para ela, e como não tem mais nada que fazer, destrói-a – como aquela gaivota ali. *(Pausa)*

**Arkadina**

*(Surgindo à janela da casa)*

Boris Alexeevich, onde estás?

**Trigorin**

Já vou. *(Vai, voltando-se repetidamente para olhar para Nina. Próximo da janela, para Arkadina)* O que é?

**Arkadina**

Ficamos mais uns dias. *(Trigorin entra em casa)*

**Nina**

*(Desce à ribalta. Absorta, durante uns momentos, e depois diz:)*

Ah, é um sonho!

*(Nos bastidores Carlos chama a atenção de Fernando para um problema de luz – projector desafinado. Fernando interrompe a cena. A partir de agora zona de representação e bastidores fundem-se completamente e ambos os espaços ocupam todo o palco)*

**Fernando**

O.K. Stop! É o fim do... *(Carlos chama a atenção para o projector)* Catarina espera, fixa a tua posição! *(dirige-se ao operador de luz)* Óóó... o que é que se passa com a luz dela?

*(Edgard e Ana aparecem para mudar o cenário)*

**Operador**

Foi o projector... desafinou!

**Fernando** *(dirigindo-se ao público)*

Bom, peço imensa desculpa mas vamos ter de parar um bocadinho para resolver esta situação... senão corremos o risco de não ver nada no 3º acto. Eu precisava que alguém fosse...

**Carlos**

Eu vou lá.

**Fernando**

Catarina mantém-te nessa posição. *(para o operador)* deixa só esse.

*(Catarina está no meio da cena de braços abertos, com a cara cortada ao meio pela luz. Carlos vai buscar uma escada e Ana vai atrás dele. Estorva mais do que ajuda. Os músicos começam lentamente a experimentar outras músicas cada vez mais alto. Há uma música que chama a atenção de Fernando.*

*Carlos sobe à escada para afinar o projector. Ana segura a escada. Carlos pede indicações a Fernando)*

**Carlos**

Está quente!

**Catarina**

Queres umas luvas?

**Carlos**

Baixa a intensidade

*(O operador baixa a intensidade)*

**Fernando**

Não! Não baixes... põe a 100 senão não consigo ver.

**Ana**

Catarina fecha os olhos. *(para Carlos)* Conheço um actor que foi operado à córnea por causa disto.

**Fernando**

Põe mais para aqui *(faz um gesto vago com as mãos à frente da Catarina)*

**Carlos**

Queres que abra mais?

**Fernando**

É a história da moldura!

**Carlos**

Deixa-me só apertar melhor o grampo!

*(Fernando distrai-se com o som e vai falar com os músicos. Catarina está pendurada e abre os olhos confusa)*

**Ana**

Fecha os olhos Catarina! Pensa em Cristo. *(ri para o público imitando a Catarina)*

**Carlos**

Ana segura a escada! Fernando queres as fa... Fernando *(espreita e Fernando não está)* Edgard chamas-me o Pedro se faz favor?

*(Edgard vai chamar o Pedro)*

**Edgard**

Boris Alexeevich? *(Pedro aproxima-se)* Vai ao Carlos.

*(entretanto Fernando vai dando indicações aos músicos. O ambiente começa a ficar barulhento)*

**Pedro**

Carlos? Carlos? *(Ana acena e Pedro percebe o que se passa)* Ah, outra vez!

**Carlos**

O que é que eu faço às facas?

**Pedro**

*(não ouve)* O quê? *(para os músicos)* João! Mais baixo! é só um bocadinho...

*(Fernando manda baixar só um bocadinho mas em breve o volume volta a subir)*

**Fernando**

Então já está? *(para o público)* Está quase.

**Pedro**

Como é que queres? É assim? *(faz um gesto de moldura)*

**Fernando**

É... Mas com mais brilho...

**Pedro**

Já lá vamos, já lá vamos. *(para Carlos)* Carlos pica para a cara dela.

*(Carlos pica o projector. Fernando volta a distrair-se com o som)*

**Edgard**

É para mudar para o 3º acto? Tiro isto daqui?

**Fernando**

Só um minuto, só um minuto... *(volta para o som)*

*(No meio de uma grande confusão: Carlos e Pedro conseguem afinar o projector. Ana e Edgard falam um com o outro. Pedro avisa Fernando que projector já está afinado. Fernando põe fim ao caos)*

**Fernando**

Uou! OOOOOOO. *(silêncio geral)*

**Edgard**

Já posso mudar?

**Fernando**

O.K. vamos já, já continuar. *(põe a mão no ombro da Catarina. Apenas ouve o OK, Edgard muda o cenário. Para o operador de luz)* Óóó... passa-me aí os efeitos do 3º acto para ver se não temos mais surpresas.

*(Ana e Carlos mudam a escada. Fernando fala enquanto os efeitos de luz se sucedem. Os actores acompanham com as marcações)*

**Fernando**

OK Passaram alguns dias. Sala de Jantar eles estão-se a ir embora. Nina vem-se despedir do Trigorin. *(pausa)* Saída da Nina. Deixa-te estar Catarina! Entra Arkadina, Sai Trigorin. Entra Treplev... "Chega aqui mamã, vem-me mudar a ligadura... bebebebebeb"

**Ana**

"Não vais fazer mais pum-pum na tua cabeça?"

**Fernando**

"Não mamã foi um momento de desespero" be be be be be OK. Falo mal do Trigorin... começamos a discutir....bebebe arranco a ligadura (*Fernando arranca a ligadura*)....be bebe ... fazemos as pazes.

**Ana**

"Ele vai-se embora daqui a pouco e ela volta a gostar de ti"

**Fernando**

OK OK beijinho, beijinho, entra o Trigorin. Saio eu. Discussão entre os dois. Trigorin quer ficar com a Nina. Arkadina dá-lhe a volta.

**Pedro**

"Não tenho vontade própria, nunca tive vontade própria. Mole... leva-me, pega em mim..."

**Fernando**

OK Entra Shamraev.

**Edgard**

"Tenho a honra de vos anunciar, se bem que muito pesaroso, que os cavalos estão prontos. Está na hora de irmos andando para a estação, minha muito querida senhora, o comboio chega às duas e cinco."

**Fernando**

OK Edgard.

**Edgard**

"E, por favor, Irina Nikolaevna, não se esqueça, não? De ver se consegue saber alguma coisa do que é feito do grande actor Suzdaltsev. Onde estará ele, agora? Estará ainda vivo? Terá saúde"?

**Fernando**

Já chega! Vá, saem todos! Trigorin volta a entrar...

*(Pedro/Trigorin volta ao centro faz a cena com Nina. Fernando deixa andar até ao fim do acto)*

**Trigorin**

*(Que voltou atrás)* Esqueci-me da minha bengala. Com certeza está no terraço.  
*(Dirige-se ao terraço e encontra-se com **Nina**, que vem a entrar, pela esquerda)*

**Nina**

Tinha o pressentimento de que ainda nos havíamos de ver. *(Excitada)* Boris Alexeevich, tomei uma decisão – os dados estão lançados – vou para o teatro. Quando chegar o dia de amanhã, eu já não estarei aqui, vou fugir de casa, fugir de tudo e de todos, começar uma vida nova, vou-me embora daqui e vou para onde vocês vão... para Moscovo. Havemos de nos ver,.

**Trigorin**

Vá para o Hotel Slavyansky... E mande logo dizer... Rua Molchanovka, a casa de Grokholsky... Tenho de ir já, a correr.

*(Pausa)*

**Nina**

Um minuto, só um minuto mais...

**Trigorin**

*(Sussurrando)*

Tão bela, tão... Oh, sinto-me muito, muito feliz, só de pensar que vamos ver-nos em breve. *(Nina encosta a cabeça no peito dele)* E hei-de olhar bem para dentro destes olhos... ver este sorriso tão suave, indiscreto... a carinha gentil... um ar de pureza angelical... minha querida. *(Beijo prolongado)*

**Fernando**

OK. Lindo! Fim do 3º acto. *(pausa)* Mudança de cena. *(para Ana)* Vai buscar o jogo para o 4º acto. *(Ana vai buscar dois baralhos de cartas)* Luz interior. Conversa entre Dorn e Treplev. Óóó ... Carlos vai para a tua posição. Fora de cena quem não é de Cena!

*(ouve-se os actores confusos a falar uns com os outros)*

**Fernando**

Então o Dorn está pronto? Vamos lá Óóó... Carlos.

**Carlos**

Desculpa, mas...

**Fernando**

Quem é esse?

**Carlos**

Esse quem?

**Fernando**

Tu.

**Carlos**

Este sou eu.

**Fernando**

Eu quem?

**Carlos**

Eu... o Carlos

**Fernando**

Mas eu não estou a trabalhar com actores, estou a trabalhar com personagens. Quero é o Dorn. Onde está o Dorn?

**Carlos**

Já lá vamos, já lá vamos... Mas Fernando...

**Fernando**

Sim?

**Carlos**

O 3º acto... não fizemos o 3º acto.

**Fernando**

Sim eu sei. Mas não há problema. *(para o público)* Eu penso que o 3º acto ficou relativamente percebido e interessa-me, uma vez que isto é um ensaio, avançar para cenas que precisam de mais trabalho. *(aparte para os actores)* Por falar nisso esta última cena melhorou bastante.

**Edgard**

Isto já é demais. As pessoas vieram cá para ver o nosso trabalho, elas têm expectativas...

**Pedro**

E pagaram bilhete...

**Carlos**

Sim, mas eu expliquei perfeitamente às pessoas o que se ia passar... Até podiam ter saído logo no início e pedido o dinheiro de volta.

**Fernando**

Exactamente! Mas afinal com o que é que vocês estão preocupados? Se começamos a pedir a aprovação do público estamos feitos. Temos que ser orgulhosos. Temos que ganhar o respeito próprio para vir aqui e dizer: "Aqui têm!

Este é o nosso trabalho, isto é uma coisa extraordinária, vale a pena ver." Se foi um ensaio aberto que nós dissemos que mostrávamos é o ensaio que vamos mostrar sem efeitos, sem mentiras, só a verdade. O público merece-o!

### **Ana**

Pois mas o público vem ao teatro é para ver espectáculos não é para ver a verdade, não é? Que interesse é que tem um ensaio para uma pessoa que vai ao teatro? Nem eles usufruem o espectáculo nem nós nos sentimos à vontade para trabalhar normalmente como nos ensaios.

### **Fernando**

Não te sentes à vontade?!... Com este público? Óóó... dá-me a luz do público (*acende-se a luz da plateia*) Bom... temos (*conta as pessoas em voz baixa*) (*diz o número de pessoas presente na plateia*) pessoas. Praticamente metade são amigos e familiares que estão mais nervosos do que nós que se riem histericamente ao mínimo disparate para incentivarem o resto do público e nos dar coragem. Um quarto são os habitués que vão a todas, não nos conhecemos pessoalmente mas estamos fartos de nos conhecer de vista. Há um ou dois jornalistas... ou intelectuais que concerteza no foyer já sabiam se tinham gostado do espectáculo. De resto há para aí 3 ou 4 pessoas para quem isto é uma novidade e se calhar pelo menos uma pagou bilhete.

*(Fernando fala do público consoante aquele que estiver no espectáculo: amigos, críticos, jornalistas, familiares, desconhecidos, etc. e aponta pessoas exemplificando)*

E está tudo dito, como dizia o outro. Somos uma pequena família.

### **Edgard**

Então, assim sendo, se o público não interessa e o nosso trabalho também não, porque é que não puxamos de uma cadeirinha e contamos a história ao público? (*enquanto fala vai buscar uma cadeira e senta-se à boca de cena*). Passaram dois anos, a Nina foi para Moscovo fazer teatro, teve um filho do Trigorin, o bebé morreu, ele não lhe liga nenhuma e continua com a Arkadina, o Treplev continua na casa, tem publicado umas coisas e tem tido más críticas, a Nina tem entrado numas peças mas também não vai muito longe, entretanto a Arkadina e o Trigorin voltam de Moscovo...

## **Fernando**

*(interrompendo o Edgard)*

óóó... Edgard, abstém-te de fazer comentários.

## **Edgard**

*(enquanto se levanta da cadeira e a vai arrumar)*

Finalmente acertou no nome!

## **Fernando**

Eu não estou aqui para contar uma história. Isto não é a Gaivota. Eu da Gaivota só tiro aquilo que me interessa para o meu espectáculo. Perdão, nosso espectáculo. Eu sou um autor e como tal posso cortar, posso colar, se quiser até posso fazer isto de trás para a frente. O que nós estamos aqui a fazer não é algo que alguém tenha escrito. Nós estamos a usar textos para fazer algo nosso, e novo, que nunca ninguém fez. *(vai para o fundo, senta-se a uma escrivaninha e faz sinal para a luz)*

## **Catarina**

Novo como? Já toda gente fez tudo! Isso do novo não é uma desculpa antecipada ao possível fracasso, ou para o vazio de ideias?

*(Silêncio. Actores entreolham-se)*

## **Treplev**

*(Prepara-se para escrever. Relê o que estava escrito)*

Tenho falado tanto de formas novas, e afinal agora tenho a sensação de estar a cair, eu próprio, num palavreado convencional. *(Lê)* ‘O letreiro, na cancela, anunciava...’, ‘O rosto branco emoldurado pela cabeleira negra’ – ‘anunciava’, ‘emoldurado’... Parvoíces. *(Risca)* Começo no ponto em que o herói é acordado pelo ruído da chuva, o resto é para o lixo. A descrição da noite de luar, está muito longa, e arrebicada. Trigorin já conseguiu arranjar uns truques que só ele sabe, defende-se... Ele punha o gargalo quebrado de uma garrafa a faiscar sobre o dique, e a sombra da roda do moinho que escurecia cada vez mais – e pronto, chegava para dar uma noite de luar. E eu, o que é

que eu ponho? A luz trémula, a suave cintilação das estrelas, o longínquo som de um piano, a esmaecer na atmosfera calma e perfumada – Enjoa! Pois, cada vez estou mais convencido de que não é uma questão de formas, velhas ou novas, mas pura e simplesmente, daquilo que se escreve, sem pensar sequer na forma, o que se escreve vindo do fundo da alma, livremente. *(Ouve-se raspar, na janela, junto da mesa)* O que é? *(Chama)* Quem está aí? Nina! Nina! *(Nina poisa a cabeça no peito dele, banhada em lágrimas, e tenta dominar os soluços. Treplev muito emocionado:)* Nina! Nina! És tu... tu. Eu estava com um pressentimento de que havias de vir – estive tão ansioso todo o dia, desejei tanto que viesses. *(Treplev tira-lhe a capa e o chapéu)* Meu amor, minha querida, ela veio. Não vamos chorar, não, não vamos.

*(enquanto faz a cena Fernando vai dando indicações a Catarina)*

**Nina**

Está aí gente.

**Treplev**

Não está ninguém.

**Nina**

Fecha as portas, para não entrar ninguém.

**Treplev**

Ninguém entra.

**Nina**

Eu sei que a Irina Nikolaevna está cá. Fecha bem as portas.

**Treplev**

*(Fecha a porta da direita, e dirige-se à porta da esquerda)*

Esta não tem chave. Ponho aqui o cadeirão. *(Encosta um cadeirão à porta)* Não tenhas receio, ninguém entra.

## **Nina**

*(Fixando a cara dele)*

Deixa-me ver-te bem. *(Olhando à volta)* É confortável, tem calor. Aqui era uma saleta, antigamente. E eu, mudei muito?

## **Treplev**

Mudaste... Estás mais magra, tens os olhos maiores. Nina, é tão estranho estar a ver-te, agora, assim. Porque não me disseste para te ir ver? Porque é que não vieste cá, até agora? Eu sei que estás aqui há quase uma semana. Fui várias vezes onde tu estás, estes dias todos. Tenho-me posto debaixo da tua janela, como um mendigo.

## **Nina**

Tinha receio de que me odiasses. Todas as noites sonho o mesmo: estás a olhar para mim e não me reconheces. Se tu soubesses! Desde que estou cá, desde o momento em que cheguei, tenho vindo imensas vezes até aqui, sempre caminhando pela beira do lago. Passei tantas vezes pela vossa casa, e de todas as vezes resolvi não entrar. Sentamo-nos, um bocadinho; sentamo-nos e vamos conversar. Está-se bem, aqui – é agradável, aconchegado. Ouves? O vento? No Turgueniev há uma passagem que diz: ‘Afortunado, aquele que, numa noite como esta, está sentado debaixo de um tecto, num confortável recanto.’ Sou uma gaiivota... Não, não é assim... *(Passa a mão pela frente)* De que é que eu estava a falar? Pois... Do Turgueniev: ‘E que Deus proteja os viandantes sem lar...’ Não é nada. *(Soluça)*

## **Fernando**

*(Afastando-se em direcção à platéia)* Desculpa Catarina mas assim não dá, não consigo. *(para toda a gente)* Eu peço imensa desculpa mas tenho de ver esta cena de fora. É que esta cena foi uma das últimas a ser trabalhada, a marcação ainda não está definida e eu não consigo marcar e fazer ao mesmo tempo... aliás, ninguém consegue. *(Procura com o olhar um actor. Não os vê. Estão todos a jogar às cartas. Então dirige-se a um dos músicos)* Óóó.... João faz-me um favor, trás o guião e dá as deixas à Nina.

*(João entra para a posição do fim do monólogo, onde fica parado de texto na mão. Fernando cola-se à platéia. Catarina desespera)*

**Nina**

Está aí gente.

**Treplev/João**

Não está ninguém.

**Nina**

Fecha as portas, para não entrar ninguém.

**Treplev/João**

Ninguém entra.

**Nina**

Eu sei que Irina Nikolaevna está cá. Fecha bem as portas.

**Treplev/João**

Esta não tem chave. Ponho aqui o cadeirão. Não tenhas receio, ninguém entra.

**Nina**

*(Fixando a cara dele)*

Deixa-me ver-te bem. *(Olhando à volta)* É confortável, tem calor. Aqui era uma saleta, antigamente. E eu, mudei muito?

**Treplev/João**

Mudaste... Estás mais magra, tens os olhos maiores. Nina, é tão estranho estar a ver-te, agora, assim. Porque não me disseste para te ir ver? Porque é que não vieste cá, até agora? Eu sei que estás aqui há quase uma semana. Fui várias vezes onde tu estás, estes dias todos. Tenho-me posto debaixo da tua janela, como um mendigo.

## **Nina**

Tinha receio de que me odiasses. Todas as noites sonho o mesmo: estás a olhar para mim e não me reconheces. Se tu soubesses! Desde que estou cá, desde o momento em que cheguei, tenho vindo imensas vezes até aqui, sempre caminhando pela beira do lago. Passei tantas vezes pela vossa casa, e de todas as vezes resolvi não entrar. Sentamo-nos, um bocadinho; sentamo-nos e vamos conversar. Está-se bem, aqui – é agradável, aconchegado. Ouves? O vento? No Turgueniev há uma passagem que diz: ‘Afortunado, aquele que, numa noite como esta, está sentado debaixo de um tecto, num confortável recanto.’ Sou uma gaivota... Não, não é assim... *(Passa a mão pela frente)* De que é que eu estava a falar? Pois... Do Turgueniev: ‘E que Deus proteja os viandantes sem lar...’ Não é nada. *(Soluça)*

## **Treplev/João**

Nina, estás outra vez a chorar. Nina!

## **Nina/Catarina**

Não é nada. Não consigo, não consigo, Fernando. Não é possível.

## **Fernando**

Então Catarina!

## **Catarina**

Eu preciso de um Treplev. De alguém que contracene comigo, que me olhe nos olhos. Para eu poder chorar. Assim sinto-me estúpida. Eu tenho de olhar para ele e ele para mim. Saber que ele lá está, como ainda está também o nosso teatro meio destruído à beira do lago, e chorar. Eu já não choro Há dois anos. O meu bebé morreu, a minha carreira é horrível, o Trigorin deixou-me, e só agora é que ela chora.

## **João**

Mas foi alguma coisa que eu fiz?

## **Catarina e Fernando**

Não, não!

### **Catarina**

O problema é que eu tenho de ter aqui o Treplev. Temos de nos olhar nos olhos para eu dizer que sou uma gaivota... não, não é assim, sou uma actriz.

*(O músico volta para o seu lugar)*

Porque eu também sou uma actriz, Fernando, não sou uma máquina. Sabes porque é que esta cena nunca resultou? Porque nunca consegui ensaiar com o Treplev. O primeiro actor a fazer de Treplev desistiu do espectáculo antes de termos chegado a esta cena. E ainda por cima ficámos com carradas de cartazes com a cara dele. Tu substituíste-o à última hora mas estás sempre de fora a ver. Mas a ver o quê? Eu a falar para as paredes? Eu tenho de o ter à minha frente e ver-nos aos dois, actriz e escritor, no centro do remoinho. E os olhos dele têm de fugir porque ele não sabe o que é, como eu sei o que sou. E os meus têm de fugir, sempre com medo de que a Arkadina ou o Trigorin entrem. Porque agora eu sei que o amo, amo-o desesperadamente, dá para um conto. E eu estou aqui a despedir-me do Treplev, que é a minha infância, a minha juventude à beira do lago, quando acordava a cantar e éramos como flores, flores de ternura. Mas ela agora já não é nenhuma gaivota é uma actriz. Já não quer fama, quer é representar, porque ela já percebeu que no nosso trabalho o que é importante é conseguir aguentar. Levar a cruz e ter fé. E tu dizes que não tens fé e ignoras o que é verdadeiramente a tua profissão. E eu digo sei perfeitamente qual é a sensação terrível e se saber por instinto que se está a representar horrivelmente, mas já não tenho medo da vida. E digo isto cansada, exausta, mas com a alma mais forte e limpa que nunca. E aí olho-te pela última vez e recordo: "Os homens e as mulheres, os leões, as águias e as perdizes, os veados, os gansos, as aranhas, os mudos peixes que vivem no mar, as estrelas marinhas e todas as criaturas invisíveis aos nossos olhos, tudo o que vive, tudo e todos, após percorrerem o seu triste ciclo vital, estão agora extintos. Mil séculos foram, entretanto, passando nesta desolada terra, sem um único vivente, e a pobre Lua

em vão acendeu a sua lanterna. Nesta campina, ninguém desperta já com os gritos das gralhas, e os ralos não cantam já nas sombras dos pomares." E saio.

*(Catarina vai para o fundo da cena e senta-se. O Carlos vai ter com ela e fica sentado à sua beira.)*

**Catarina**

Eu já estou fora disto!

**Fernando**

*(completamente perdido)* Óóó.... Eduardo.

**Edgard**

O Eduardo está a coçar a micose!

**Fernando**

Carlos Chega aqui.

*(Carlos aproxima-se)*

**Fernando**

Vamos para a tua entrada na saleta.

*(Carlos vai confuso para a sua marcação. Pára e olha para Fernando interrogativamente)*

**Fernando**

Entra Dorn... "Corrida de obstáculos".

**Dorn**

*(Tentando abrir a porta da esquerda)*

Estranho. Parece que a porta está fechada à chave. *(Entra e põe o cadeirão no sítio)*  
Corrida de obstáculos.

**Fernando**

Bravo, Carlitos! Muito bem! É assim: uns fazem tudo sem perguntas, outros dizem logo que não conseguem fazer.

*(Silêncio geral)*

**Fernando**

Vamos, entram os outros atrás do Dorn. (Fernando vê os outros actores a jogar cartas) Pode der ou já estamos de férias?

*(Entra Arkadina seguida por Pedro/Trigorin e Edgard)*

**Edgard**

*(Para Trigorin)*

Tenho aquilo ali, Boris Alexeevich.

**Trigorin**

Aquilo o quê?

**Edgard**

A gaivota que o Konstantin Gavrylich abateu da outra vez e que o senhor me pediu para embalsamar...

**Trigorin**

Não me lembro! *(Pensando)* Não me lembro!

*À direita, fora de cena, ouve-se um tiro. Todos se sobressaltam.*

**Arkadina**

*(Assustada) O que foi?*

**Dorn**

Não foi nada. Algum frasco que reventou, na minha mala. Não se assuste. *(sai, pela porta da direita, volta decorrido meio minuto)* Foi o que eu pensei. Estoirou um frasco de éter. *(Canta)* 'Uma vez mais, aqui estou, diante de ti.'

**Arkadina**

*(Sentando-se)*

Ah, assustei-me muitíssimo. Fez-me lembrar aquela vez, quando... *(Cobre a cara com as mãos)* Tudo ficou negro, à minha volta...

**Dorn**

Há coisa de dois meses atrás, vinha um artigo no jornal... uma carta da América... queria perguntar-lhe se... se, por acaso *(Agarra Trigorin pela cintura)*, visto que me interessa muitíssimo... *(Baixando o tom)* Leve daqui para fora a Irina Nikolaevna... O Konstantin Gavrilovich matou-se com um tiro. *(Carlos fala tão baixo que não se ouve esta última frase)*

**Fernando**

Então? Mais alto!

**Dorn**

Desculpe?

**Fernando**

Mais alto! Não se ouve nada!

**Dorn**

Peço perdão, mas há coisas que não se podem dizer alto. Para além disso, está ali a Irina Nikolaevna que não pode ficar a saber disto.

**Fernando**

O quê? Mas... está tudo doido? Isto é teatro! O público precisa de ouvir!

**Dorn**

Não, desculpe, o senhor é que tem uma profissão de doidos. Já basta em vez de viver a vida representá-la, ainda quer compô-la de forma completamente inverosímel?

**Fernando**

óóó Carlos, limita-te a dizer em voz alta: 'Leve daqui para fora a Irina Nikolaevna... O Konstantin Gavrilovich matou-se com um tiro.'

**Arkadina**

*(dirigindo-se para a porta, mas é agarrada pelo Pedro)*

Kóstia, meu filho, Kóstia!

**Dorn**

Está a ver? Era isto que eu queria evitar!

**Fernando**

Mas... está tudo...? Ah! Espera aí! Vocês já lá estão. Continuem, continuem! *(Toda a gente pára a olhar para o Fernando)* Continuem, vocês já lá estão! É isso mesmo!

**Pedro**

Estamos... onde?

**Fernando**

Na passagem para as Seis Personagens. O discurso dele *(aponta o Carlos)*, a reacção dela *(aponta a Ana)*. Já é Pirandello. As personagens ganharam vida!

**Carlos**

Quem é que ganhou vida? Pirandello como?

**Fernando**

Vocês não percebem o que é que estão a fazer?

**Ana**

Nós não estamos a fazer nada!

**Carlos**

Nós acabámos a Gaivota e estamos à espera de indicações.

**Pedro**

Sim, e agora? O que é que fazemos?

**Fernando**

O que é que fazemos?! Já estão a fazer. *(Pausa)* ó Pá! Ajudem-me!

**Carlos**

Ajudem-me? Mas de quem foi a ideia deste espectáculo? Quem é que o está a dirigir? A responsabilidade não é nossa!

*(Silêncio geral)*

**Fernando**

Eu sei como é que resolvo esta situação...É só arranjar actores a sério. *(Pausa)*

Cambada de incompetentes... bananas!

*(para Catarina)* Nina, Nina... que Nina? Nem davas para sopeira do Gil Vicente!

*(para Pedro que se começa a rir)* E tu, estás-te a rir? Nem davas para Diabo, para Joane! Trigorin da Ribeira! Até há meia hora atrás nem percebias o que era esta peça! Uma história de amor, vejam só! Qual amor! É Arte! Arte! Qual amor, qual carapuça! É Arte, a Arte superior, suprema!

*(para Ana)* E tu Ana, andas p'raí a dormir, sempre aluada... *(imita o movimento de mãos Zen)* Vai para a esquina e... *(gesto explicativo. Pausa. Para Carlos)* O senhor director... mais o seu projecto cultural...*(para todos)* Façam um rancho! Pode ser que tenham mais sucesso! Cambada de merdas, merda de companhia, intelectuais de pacotilha! Ide estudar, ide estudar, ide aprender. *(para Edgard)*

Tu, E-D-G-A-R-D-com-D, vai aprender qualquer coisa! Pelo menos eu já tenho escola. Ide fazer teatro para o vosso bairro!

Chegam a um nível e querem sempre o outro... mas não têm capacidade para lá estar. Sempre a subir, sempre a subir... maior será o tombo! O mar vomita o que não precisa e vocês há já muito tempo que estão na praia. Andam todos enganados... cambada de incompetentes, impotentes!

### **Carlos**

Fernando, o público...

### **Fernando**

Quero lá saber do público! O mal está feito. Estou farto desta merda, porra! É isto que vocês querem fazer? É isto que eu vim para aqui fazer? *(pausa)*

É este teatrinho que vocês querem fazer? Vão fazer o vosso teatrinho. Acho que fazem muito bem. Eu estou aqui, estou fora. Decidam! Para mim é igual, é-me indiferente. *(pausa)* Se eu tivesse ficado calado, se eu não partilhasse a ideia... Não faço este espectáculo aqui, faço noutra lado. Quem é bom tem sempre espaço para trabalhar. Os incompetentes é que não... Nem a abordagem simples a uma personagem... bebebe... dabede... p'lo amor de Deus! Ide aprender! Nem ler, nem ideias. Cambada de incompetentes. *(rumina)* Não lêem nem nada... o caralho. Com mediocridade não trabalho.

*(Silêncio. Pausa prolongada, mal-estar geral)*

### **Ana**

Desculpa Fernando... o ensaio vai continuar?

### **Fernando**

Não! *(pausa)* Hoje não... Amanhã.

**FIM**